

OBJETO NULO E CLÍTICOS EM SANTA CATARINA

Marco Antonio Rocha Martins

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

Cecília Augusta Vieira Pinto

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC

Sueli Costa

Instituto Federal de Santa Catarina

1. INTRODUÇÃO

Os resultados de Cyrino (2018) para o objeto nulo e Martins (2018) para a sintaxe dos pronomes clíticos a partir de uma mesma amostra extraída de textos da imprensa brasileira dos *corpora* do *Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)* mostram que esses fenômenos envolvem uma propriedade particular da gramática do Português Brasileiro (PB): a realização do objeto anafórico (ver GALVES, 2018). Além disso, ficam evidentes nas análises e resultados do estudo realizado por esses autores: (1) o diferente comportamento dos fenômenos no curso do século XIX, levando à constatação de que é necessário distinguir a primeira da segunda metade desse século; e (2) a diferente distribuição regional na evolução diacrônica do fenômeno, de modo que a escrita no Nordeste se mostra mais inovadora que a do Sudeste e, esta, do Sul.

Tendo em vista esse quadro, nosso objetivo neste capítulo é apresentar resultados de uma análise dos fenômenos do objeto nulo e da sintaxe dos pronomes clíticos em Santa Catarina (SC) considerando um mesmo *corpus* de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. No que se refere ao objeto nulo, retomamos, ainda, resultados de dados de fala de Florianópolis (VIEIRA-PINTO, 2015) e de peças de teatro dos

séculos XIX e XX (COSTA, 2011). Mais especificamente, buscamos **(1)** apresentar um panorama diacrônico de como evoluem o objeto nulo e a sintaxe de posição e de colocação dos clíticos em contexto de variação diacrônica ([XP])[XP]V e em predicados complexos em cartas pessoais de SC, considerando, na medida do possível, as especificidades da primeira metade do século XIX comparadas às propriedades encontradas nos textos da segunda metade desse século e do século XX; e **(2)** colaborar com o mapeamento desses fenômenos linguísticos na região Sul, trazendo a público dados de SC e contribuindo para a descrição de uma socio-história do português escrito no Brasil.

Os dados de fala aqui retomados foram extraídos do Projeto VARSUL, banco base e banco Floripa; os dados de escrita de cartas particulares e peças teatrais são pertencentes ao projeto *Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina (PHPB-SC)*, coordenado pela querida Izete Lehmkuhl Coelho, nossa homenageada neste livro, neste texto. É importante dizer aqui que a trajetória acadêmica e pessoal dos autores deste capítulo se entrelaça à da Izete, que é professora titular aposentada do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, *locus* de um trabalho sério e comprometido por ela realizado, sempre marcado pela generosidade (e, claro, pela elegância!). À querida Izete, nosso eterno agradecimento!

O capítulo está organizado em três seções, além desta introdução. Na seção 2, apresentamos o fenômeno do objeto nulo em SC considerando o tempo presente, com dados de fala de Florianópolis, a partir dos resultados de Vieira Pinto (2015), e o passado, com dados de peças de teatro, a partir dos resultados de Costa (2011). Já na seção 3, apresentamos uma análise diacrônica do objeto nulo e da sintaxe dos pronomes clíticos numa mesma amostra de cartas pessoais escritas por catarinenses nascidos entre os séculos XIX e XX. Por fim, na seção 4, para concluir o texto, cruzamos os resultados diacrônicos explicitando a estreita relação entre os fenômenos do objeto nulo e dos clíticos na mudança que deu origem à gramática do PB.

2. A TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO EM SC: PRESENTE E PASSADO

Como se sabe, o objeto direto anafórico tem mudado no estabelecimento da gramática do PB em relação ao seu preenchimento, diferente do que aconteceu no Português Europeu (PE) (TARALLO, 1983; 1993). Em estudos diacrônicos, os resultados estatísticos revelam, até o século XVIII, um uso bastante significativo

do pronome clítico (CYRINO, 1997). Ao final do século XX, os percentuais se invertem e as análises apontam para uma alta frequência de objeto nulo e a quase extinção do clítico de terceira pessoa na fala (cf. OMENA, 1978; DUARTE, 1986; 1989; LUÍZE, 1997; MARAFONI, 2004; VIEIRA-PINTO, 2015, entre outros). Já no PE, estudos mostram altos os percentuais de clíticos de terceira pessoa, até mesmo na fala menos monitorada (cf. FREIRE, 2005; MARAFONI, 2010; COSTA, 2011; ARRUDA, 2012; MARQUES DE SOUSA, 2017, entre outros).

A fim de entender melhor a difusão da mudança do objeto direto anafórico na Região Sul do Brasil, mais especificamente em Santa Catarina, partiremos de dados do presente para chegar ao passado, seguindo o princípio da uniformidade que diz que “[...] as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operaram no passado, há cinco ou dez mil anos” (LABOV, 2008 [1972], p. 317). Assim, nas subseções seguintes, retomamos a trajetória do fenômeno do objeto nulo em SC no presente, a partir de dados de fala de Florianópolis (VIEIRA-PINTO, 2015), e no passado, a partir de peças de teatro dos séculos XIX e XX (COSTA, 2011).

2.1. O presente: o objeto nulo na fala de Florianópolis

O objeto direto anafórico de SN foi analisado por Vieira-Pinto (2015)¹⁰⁵ em amostras de fala de informantes nascidos em Florianópolis, em um estudo de tempo real de curta duração do tipo tendência (cf. LABOV, 1994), a partir de dados do Projeto VARSUL. Os dados a seguir, de objeto nulo (1), pronome reto (2), pronome clítico (3) e SN anafórico (4), foram coletados em 16 entrevistas gravadas em duas décadas distintas – 1990 e 2010¹⁰⁶ – estratificadas em sexo (masculino e feminino), idade (menos de 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (até 8 anos de escolaridade e mais de 12 anos de escolaridade).

(1) Como que eu vou cuidar de gêmeos, sua louca? E *dois menino*, eu já tenho dois menino. Eu queria muito uma menina. Ah, dá ø pra outra. Ah, vai ter alguém que vai querer ø e vai dar bastante amor pra essas criança. (FEM/JOV/FUND/27)¹⁰⁷

¹⁰⁵ A dissertação de mestrado de Vieira-Pinto, defendida em 2015, foi orientada pela professora Dr^a Izete Lehmkuhl Coelho.

¹⁰⁶ A amostra de 1990 é constituída de oito entrevistas de Florianópolis, oriundas do Banco Base do Projeto VARSUL. A amostra da década de 2010 contém outras oito entrevistas, provenientes da Amostra Floripa, que também pertence ao Núcleo VARSUL (Agência de Santa Catarina).

¹⁰⁷ Os códigos possuem os seguintes significados: MASC para masculino, FEM para feminino, JOV para menos de 50 anos de idade, VEL para mais de 50 anos de idade, FUND para até 8 anos de escolaridade, SUP para mais de 12 anos de escolaridade, 9 para década de 1990 e 2 para década de 2010.

(2) Aí, **a minha mãe**, ela sofria da tireoide. Aí, ela foi, voltou pro Hospital de Caridade e operaram. Então, nessa época, era o Doutor [inint] que operou **ela**. Ela morreu da tireoide, uma operação na tireoide. (FEM/VEL/FUND/9)

(3) **A Tais**, eu ajudei muito. Porque ela foi pra creche pequenininha, pro berçário e os pais vieram chorando. Eu tava me aposentando, “ah, mas eu tenho tempo, deixa ela ficar comigo uns tempinho, até ela ficar maiorzinha”, danada! Ajudei alfabetizá-la, porque ela ia pro colégio Imaculada Conceição ou Coração de Jesus e ela tinha que saber muita coisa que no jardim não aprendia. (FEM/VEL/SUP/2)¹⁰⁸

(4) Só tinha **uma bicicleta** que era do meu irmão, e as meninas que moravam aqui na rua, que eram da mesma faixa etária, elas tinham **bicicleta** também. (FEM/JOV/SUP/9)

Baseada em fatores condicionadores já identificados em estudos sociolinguísticos anteriores (cf. OMENA, 1978; DUARTE, 1986, 1989; CYRINO, 1997; MARAFONI, 2004; PEREIRA, 2011; COSTA, 2011), Vieira-Pinto realizou uma análise de regra variável com rodadas estatísticas com auxílio do programa Goldvarb X, considerando as variantes de (1)-(4) acima e as seguintes variáveis independentes: (i) traço de animacidade do referente; (ii) especificidade do referente; (iii) topicalização do referente; (iv) função sintática do referente; (v) transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo; (vi) forma verbal; (vii) sexo dos informantes; (viii) faixa etária; (ix) escolaridade; e (x) década da amostra.

Os dados coletados somaram 666, sendo 302 de objeto nulo (45%), 343 de SN anafórico (51,5%), 20 de pronome reto (3,4%) e apenas um dado de pronome clítico (0,1%). Os resultados estão distribuídos por década na Tabela 10.1 a seguir.

Tabela 10.1 – Frequências das variantes do objeto direto anafórico na fala de Florianópolis, separadas pelas décadas de 1990 e 2010

	1990	2010	Total
	Apl./Total %	Apl./Total %	Apl./Total %
Objeto Nulo	159/371 42,9	143/295 48,5	302/666 45
Pronome reto	9/371 2,4%	11/295 3,8	20/666 3,4
Clítico	sem dados	1/295 0,3	1/666 0,1
SN anafórico	203/371 54,7	140/295 47,4	343/666 51,5

Fonte: adaptada de Vieira-Pinto, 2015, p. 115.

¹⁰⁸ Este foi o único dado de pronome clítico encontrado pela autora nas amostras selecionadas.

A autora constatou, no intervalo de 20 anos, um leve aumento do objeto nulo, de 42,9% para 48,5%, e, no geral, uma leve queda na frequência de uso do objeto preenchido, principalmente do SN anafórico (seu percentual de 54,7% em 1990 passou a ser 47,4% em 2010). O pronome reto ocorreu com 2,4% em 1990 e com 3,8% em 2010. Não houve dados de pronome clítico em 1990 e seu percentual em 2010 foi de apenas 0,3% – o que aponta seu quase desaparecimento na fala menos monitorada em Florianópolis.

As variáveis selecionadas pelo programa estatístico como sendo condicionadoras do uso de objeto nulo foram: ‘função sintática do referente’ para as duas décadas; ‘animacidade do referente’ para a década de 1990; e ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’ para a década de 2010. Apresentamos os resultados a seguir, em uma única tabela.

Tabela 10.2 – Objeto nulo na fala de Florianópolis, segundo as variáveis ‘função sintática do referente’, ‘animacidade do referente’ e ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’

Década	1990		2010	
Função sintática do referente	Apl./Total %	PR.	Apl./Total %	PR.
Diferente da função de objeto direto	101/167 60,5	0,68	85/150 56,7	0,57
Igual à função de objeto direto	58/204 28,4	0,34	58/145 40	0,42
Animacidade do referente				
[- animado]	140/319 43,9	0,52	98/211 46,4	--
[+ animado]	19/52 36,5	0,35	45/84 53,6	--
Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo				
Verbos com 1 complemento	139/326 42,6	--	96/219 43,8	0,45
Verbos com 2 complementos	14/36 38,9	--	32/55 58,2	0,58
Estruturas complexas	6/9 66,7	--	15/21 71,4	0,69
Total:	159/371	--	143/295 48,5	--

Fonte: adaptada de Vieira-Pinto, 2015, p. 133, 135, 138.

Sobre a ‘função sintática do referente’, aquela diferente de objeto direto foi a que mais influenciou o uso de objeto nulo, com 0,68 de peso relativo na década de 1990 e 0,57 na década de 2010. Este resultado não era o esperado por Vieira-Pinto;

na verdade, seria o referente com função igual à de objeto direto a expectativa para condicionar o uso de objeto nulo, conforme atestado em estudos anteriores (cf. OMENA, 1978; MARAFONI, 2004). No entanto, o estudo de Marafoni (2004) que analisa amostras de fala do Rio de Janeiro das décadas de 1980 e 2000, apesar de ter atestado o condicionamento do referente de mesma função sintática sobre o objeto nulo, também aponta um aumento, de uma década para a outra, do peso relativo da função sintática diferente de objeto direto. Isso quer dizer que o objeto nulo ganha terreno também quando seu antecedente exerce função sintática diferente do anafórico – foi o que se observou nos resultados de Vieira-Pinto (2015).

Quanto à ‘animacidade do referente’, na década de 1990, o traço [- animado] teve 0,52 de peso relativo para o uso de objeto nulo, enquanto o traço [+ animado] teve 0,32. Outros estudos que analisaram a fala do PB já haviam atestado a mesma tendência de que os referentes [- animado] condicionam o uso de objeto direto anafórico nulo (cf. OMENA, 1978; DUARTE, 1986, 1989; CYRINO, 1997; MARAFONI, 2004; PEREIRA, 2011; COSTA, 2011).

Em relação à ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, a expectativa era de que estruturas simples, de um ou de dois complementos, influenciariam o uso de objeto direto nulo, enquanto estruturas complexas tenderiam a condicionar o preenchimento do objeto (cf. DUARTE, 1986, 1989; MARAFONI, 2004). Os resultados atestaram parcialmente a hipótese: o objeto nulo ocorreu mais quando estava em uma estrutura com verbos de dois complementos (0,58 de peso relativo) e ocorreu pouco quando estava em uma estrutura de um complemento (0,45). O peso relativo de 0,69 para as estruturas complexas não era esperado.

Tais resultados de Vieira-Pinto (2015) corroboram trabalhos anteriores que estudaram a variação do objeto direto anafórico em amostras de fala e de escrita de diferentes regiões do Brasil: o objeto nulo na fala de Florianópolis ocorre com mais frequência em estruturas com verbos de dois complementos e em estruturas complexas quando seu referente tem função sintática diferente da de objeto direto e quando possui o traço [- animado].

2.2. O passado: o objeto nulo em peças de teatro florianopolitanas dos séculos XIX e XX

Costa (2011)¹⁰⁹ analisou diacronicamente o preenchimento do objeto em peças teatrais de autores florianopolitanos e lisboetas nascidos nos séculos XIX e XX

¹⁰⁹ Os resultados trazidos nesta seção são oriundos de pesquisa de doutorado concluída em 2011 e orientada pela professora Dra, Izete Lehmkuhl Coelho.

com o intuito de investigar a opção pelo preenchimento ou a elipse do complemento verbal no PB e no PE. Retomaremos aqui os resultados que a autora obteve após analisar dados de quatorze peças teatrais de Florianópolis para investigar o comportamento do objeto. As peças de teatro analisadas, seus respectivos autores e datas de nascimento e morte são mostrados no Quadro 10.1 a seguir:

Quadro 10.1 – Peças de teatro florianopolitano (PB) analisadas

Autor	Nascimento e morte do autor	Peça	Estreia/ Publicação
1. Álvaro Augusto de Carvalho	1829-1865	<i>Raimundo</i>	1868
2. José Cândido de Lacerda Coutinho	1841-1902	<i>A casa para alugar</i>	1867
3. José Cândido de Lacerda Coutinho	1841-1902	<i>Quem desdenha quer comprar...</i>	1868
4. Horácio Nunes Pires	1855-1919	<i>Um cacho de mortes</i>	1881
5. Horácio Nunes Pires	1855-1919	<i>Dolores</i>	1889
6. Antero dos Reis Dutra	1855-1911	<i>Brinquedos de Cupido</i>	1898
7. Ildefonso Juvenal	1884-1965	<i>Hilda, a filha do suposto trahidor</i>	1918
8. Ildefonso Juvenal	1884-1965	<i>A filha do Operário</i>	1942
9. Ody Fraga	1927-1987	<i>Um homem sem paisagem</i>	1947
10. Mário Júlio Amorim	1939-	<i>O dia do javali</i>	1983
11. Ademir Rosa	1950-1997	<i>O dia em que os porcos comerão sal</i>	1978
12. Ademir Rosa	1950-1997	<i>Os lobos</i>	1992
13. Ademir Rosa	1950-1997	<i>O que a vida fez de mim, de nós</i>	1996
14. Antônio Cunha	1961-	<i>Flores de Inverno</i>	1992

Fonte: adaptado de Costa, 2011, p. 165-6.

A análise resultou em uma amostra com 614 dados, 358 do século XIX e 256 do século XX, considerando-se o ano de nascimento do autor da peça. Para o estudo em questão, foram considerados os dados inseridos em contextos cujos verbos eram transitivos diretos para que se pudesse analisar o preenchimento do objeto direto anafórico relacionado a esses verbos.

Costa (2011) levou em consideração como variável dependente o objeto anafórico preenchido com clíticos (5) ou nulo (6), em sentenças declarativas

(5) “*Hilda esperará. Si ela te ama sinceramente como o afirma a todos, (...)*”

(Ildefonso Juvenal, 1884, *Hilda, a filha do suposto trahidor*)

(6) “[...] Roubou minha pasta!

Pode ter achado \emptyset . Você não disse que perdeu \emptyset ?

(Mário Júlio Amorim, 1939, *O dia do javali*)

Para compor o envelope das variáveis independentes, foram considerados (i) século do nascimento do autor (XIX ou XX); (ii) estatuto da oração (absoluta/principal, coordenada 1, coordenada 2, substantiva, adverbial ou adjetiva); (iii) pessoa do discurso (1^a, 2^a ou 3^a); (iv) animacidade do referente ([+ animado] ou [- animado]); (v) especificidade do referente ([+ específico] ou [- específico]) e (vi) estatuto do referente (pronomes, oração, SN ou VP¹¹⁰).

Após realizadas as rodadas estatísticas considerando a variável dependente e extraídos dos grupos de fatores que geraram *knockouts*, a autora encontrou os resultados que passaremos a descrever a seguir.

No total de dados analisados, o percentual de objetos preenchidos foi maior (66%) que o de objetos nulos (34%), considerando-se simultaneamente os séculos XIX (390 dados) e XX (224 dados). Passaremos à descrição dos resultados das variáveis relevantes: animacidade do referente, século de nascimento do autor da peça teatral, estatuto do referente e pessoa do discurso.

2.2.1 Animacidade do referente

Quanto à animacidade do referente, os resultados obtidos mostraram que a maioria dos objetos nulos ocorreu em dados cujos referentes tinham o traço [- animado]. Entretanto, foi possível constatar também que houve quase unanimidade na opção por preenchimento do objeto nos casos em que o referente era [+ animado], conforme mostra a Tabela 10.3 a seguir:

Tabela 10.3 – Frequência e probabilidade de ocorrência de objetos nulos em dados do PB dos séculos XIX e XX, segundo o grupo de fatores ‘animacidade do referente’

Animacidade	Objetos Nulos		P.R.
	Nº	%	
[-animado]	196/390	50	0,77
[+ animado]	8/224	4	0,11

Fonte: Costa, 2011, p. 193.

Sendo assim, os resultados obtidos por Costa (2011) foram ao encontro do que Cyrino (2007) explicitou com base na Hierarquia da Referencialidade, segundo a qual os referentes de terceira pessoa com traço [- animado] tendem a gerar objetos nulos, enquanto aqueles com traço [+ animado] favorecem a ocorrência de objetos preenchidos.

¹¹⁰ Do inglês, *Verbal Phrase*.

2.2.2 Século de nascimento do autor da peça teatral

O segundo grupo de fatores selecionado como relevante na análise que Costa (2011) realizou acerca do preenchimento do objeto anafórico em peças de teatro de Florianópolis foi o século de nascimento do autor. Segundo os resultados, houve uma tendência maior ao preenchimento do objeto nos textos de autores nascidos no século XIX, como se pode observar a seguir:

Tabela 10.4 – Frequência e probabilidade de ocorrência de objetos nulos em dados do PB dos séculos XIX e XX, segundo o grupo de fatores ‘século de nascimento do autor da peça teatral’

Século de Nascimento do autor da peça	Objetos Nulos		P.R.
	Nº	%	
XIX	65/390	17	0,33
XX	139/224	62	0,77

Fonte: Costa, 2011, p. 194.

2.2.3 Estatuto do referente

O terceiro grupo de fatores selecionado como mais relevante foi o estatuto do referente. Segundo os resultados de Costa (2011), os referentes oracionais foram os que mais favoreceram a ocorrência de objetos nulos. Entretanto, como se pode observar na Tabela 10.5 a seguir, a probabilidade de os objetos anafóricos serem nulos também com referentes do tipo SN não deve ser desprezada:

Tabela 10.5 – Frequência e probabilidade de ocorrência de objetos nulos em dados do PB dos séculos XIX e XX, segundo o grupo de fatores ‘estatuto do referente’

Estatuto do referente	Objetos Nulos		P.R.
	Nº	%	
SN oracional	78/158	49	0,55
SN não oracional	94/224	22	0,48

Fonte: Costa, 2011, p. 195.

É importante considerar, portanto, que, de acordo com esses resultados, embora tenha havido grande diferença na frequência, houve aproximação nos valores que indicam probabilidade de se encontrarem objetos elípticos também quando os referentes são não oracionais na escrita de Florianópolis dos séculos XIX e XX.

2.2.4 Pessoa do discurso

Por último, o estudo realizado por Costa (2011) apontou como fator que favorece a elipse do objeto anafórico na escrita de Florianópolis dos séculos XIX e XX a pessoa do discurso.

Tabela 10.6 – Frequência e probabilidade de ocorrência de objetos nulos em dados do PB dos séculos XIX e XX, segundo o grupo de fatores ‘pessoa do discurso’

Pessoa do discurso	Objetos Nulos		P.R.
	Nº	%	
3ª	203/539	38	0,56
2ª	1/75	1	0,17

Fonte: Costa, 2011, p. 196.

Os resultados confirmaram aqueles já constatados em pesquisas realizadas por Cyrino (2003), Kato (2003) e Raposo (2004) acerca do favorecimento da elipse de objeto anafórico pela terceira pessoa do discurso.

Após chegar a esses resultados, Costa (2011) comparou os resultados percentuais que obteve em relação aos séculos XIX e XX:

Tabela 10.7 – Frequência de objetos nulos no PB dos séculos XIX e XX, segundo os grupos de fatores ‘animacidade’, ‘estatuto do referente’ e ‘pessoa do discurso’

Grupos de Fatores	Século XIX	Século XX
	%	%
[-animado]	29	74
[+animado]	2	10
Referente oracional	29	74
Referente não oracional	11	48
3ª pessoa do discurso	19	69
2ª pessoa do discurso	0	4

Os percentuais mostrados na tabela permitem observar que, no século XX, a opção pela elipse do objeto é maior que a observada no século XIX. Quaisquer que sejam os grupos de fatores em questão, o percentual de objetos nulos no século XX será sempre superior ao de objetos preenchidos, ao contrário do que foi observado nos dados do século XIX, em que a frequência de objetos preenchidos é maior.

Além desses resultados, Costa (2011) destaca que, nos dados que analisou, houve queda acentuada na presença dos clíticos no século XIX (65%) em relação ao século XX (30%). Já a frequência de objetos nulos no século XX (57%) foi bastante superior àquela observada no século anterior (12%), como mostramos a seguir.

Tabela 10.8 – Frequência de clíticos e objetos nulos no PB dos séculos XIX e XX

Forma de realização	Século XIX %	Século XX %
Clíticos	65	30
Nulos	12	57

Fonte: Costa, 2011, p. 197.

A autora também destacou que, embora o SN oracional favoreça a omissão do objeto anafórico, do século XIX para o século XX, os objetos cujos referentes são SNs não oracionais também se mostraram favoráveis à elipse do complemento verbal. Os resultados mostraram que o percentual de objetos com referentes não oracionais representou mais que o quádruplo de objetos nulos revelado para o século XIX, que foi de 11%.

Tabela 10.9 – Frequência de objetos nulos no PB dos séculos XIX e XX, com antecedente SN oracional e SN não oracional

	Século XIX %	Século XX %
SN oracional	29 (25/86)	74 (53/72)
SN não oracional	11 (33/297)	48 (61/127)

Fonte: adaptada de Costa, 2011, p. 198.

Para sumarizar, os resultados de Costa (2011) revelam que, na escrita de peças de teatro florianopolitanas, há uma tendência cada vez maior à elipse do complemento verbal anafórico e que ela vem sendo favorecida, principalmente, pela passagem dos séculos, pelo traço de animacidade do referente, pelo estatuto do elemento a que se refere o objeto e pela pessoa do discurso.

3. AINDA SOBRE O PASSADO: OBJETO NULO E PRONOMES CLÍTICOS EM CARTAS PESSOAIS CATARINENSES DOS SÉCULOS XIX E XX

Nesta seção, continuamos a refletir sobre o passado, apresentando resultados da análise do objeto nulo e da sintaxe de posição e colocação dos pronomes clíticos a partir de amostras extraídas de um mesmo *corpus* de cartas pessoais escritas em SC nos séculos XIX e XX. Considerando, numa primeira instância e quando possível, o ano de nascimento dos escreventes, mais especificamente, buscamos apresentar a evolução do objeto nulo e da posição e colocação dos clíticos pronominais em contexto de variação diacrônica ([XP])[XP]V e predicados complexos nas cartas

persoais de SC. Nosso objetivo é comparar a evolução desses dois fenômenos no *corpus*, buscando elucidar a correlação entre o aumento do objeto nulo e a sintaxe dos clíticos, com o decréscimo no uso de clíticos (de terceira pessoa) e a evolução da próclise no português brasileiro.

O *corpus* analisado nesta seção se constitui de 10 coleções, com 11 escreventes¹¹¹, de cartas pessoais escritas em SC que integram os *corpora* do PHPB-SC e cuja descrição detalhada pode ser encontrada em Coelho *et all* (2021). São elas:

a. Coleção 1 – Guilherme Sousa e Carolina Eva da Conceição

São 24 cartas assinadas pelo casal Guilherme Sousa e Carolina Eva da Conceição e endereçadas ao seu filho, o poeta catarinense Cruz e Sousa (5 missivas da mãe e 19 missivas do pai), de 1890 a 1895. Ambos foram filhos de escravizados, nasceram em Desterro (antigo nome da cidade de Florianópolis) e também foram escravizados. O pai, Guilherme era pedreiro, nasceu em 1807¹¹² e morreu em 1896. A mãe, Carolina, depois de liberta, exercia a profissão de cozinheira e lavadeira. Não temos conhecimento do ano de nascimento da Carolina, mas sua morte é datada de 1891. Para fins de estudo neste capítulo, assumimos, especulativamente, que tenha sido na década de 1810.

b. Coleção 2 – João da Cruz e Sousa

São 26 cartas escritas, entre os anos de 1885 e 1898, pelo poeta simbolista brasileiro João da Cruz e Sousa. Cruz e Sousa nasceu em Desterro, em 1861. Quatro dessas cartas são destinadas a sua noiva Gavita, 10 para seu amigo Nestor Vitor, cinco para seu amigo Araújo Figueredo e outras sete cartas escritas a diversos destinatários (incluindo uma carta a Virgílio Várzea).

c. Coleção 3 – Virgílio Várzea

Do período de 1886 a 1941, são 27 cartas escritas pelo catarinense Virgílio Várzea, nascido em Desterro em 1863. Virgílio, que foi jornalista e literato, escreveu para os amigos Cruz e Sousa (18 cartas), José Boiteux (3 cartas) e para seu filho Paulo (6 cartas).

¹¹¹ Para fins de análise neste capítulo, estamos considerando as 15 mulheres que compõem a amostra do Vale como uma única escrevente.

¹¹² Data provável de nascimento, segundo Alves (2008).

d. Coleção 4 – Juvêncio de Araújo Figueredo

São 21 cartas do período de 1888 a 1912 escritas pelo poeta simbolista Juvêncio de Araújo Figueredo, tipógrafo e político catarinense, que escreve para seus amigos Cruz e Sousa (19 cartas) e Virgílio Várzea (duas cartas). Juvêncio nasceu em Desterro em 1865.

e. Coleção 5 – Oscar Rosas

Essa coleção é formada por 14 cartas de Oscar Rosas ao amigo Cruz e Sousa, escritas entre os anos de 1883 e 1890. Nascido em Desterro em 1864, Oscar Rosas foi jornalista conceituado em diversos jornais do Rio de Janeiro e ajudou a introduzir o amigo Cruz e Sousa na capital literária.

f. Coleção 6 – Harry Laus

São 35 cartas, datadas entre 1984 e 1992, do escritor catarinense Harry Laus para sua tradutora e amiga, Claire Cayron. Harry nasceu em Tijucas no ano de 1922, mas as cartas são escritas de Florianópolis, onde o autor residia no período de escrita das missivas.

g. Coleção 7 – Arduíno Salami

São 25 cartas datadas de 1973 a 1976, de autoria do catarinense Arduíno Salami, nascido em Brunópolis em 1927. Na ocasião das datas das cartas, Arduíno era discípulo do bispo de Lages, Dom Honorato, e estava em Florianópolis em seus estudos missionários.

h. Coleção 8 – Tia Ciça

São 50 cartas escritas pela catarinense Tia Ciça, nascida em Itajaí em 1934. As missivas são endereçadas a sua sobrinha entre os anos de 1988 e 2014.

i. Coleção 9 – Amostra do Vale

São 40 cartas datadas entre 1962 e 1970, escritas por 15 mulheres jovens nascidas em Florianópolis e na região do Vale do Itajaí/SC. As cartas são remetidas a um mesmo destinatário, que é músico e professor de português, nascido em Nova Trento em 1946. A data provável de nascimento das jovens é a mesma do destinatário, que consideraremos aqui a década de 1940.

j. Coleção 10 – Medeiros

São 30 cartas escritas por um missivista (que chamaremos de Medeiros, para preservar a sua identidade), nascido em Florianópolis, para sua namorada, que nasceu em Urubici/SC, mas vivia em Lages/SC com sua família. A data provável de nascimento do missivista é o início da década de 1960.

3.1 O objeto nulo

Sobre a investigação do fenômeno do objeto nulo, trazemos para discussão uma parte dos resultados da tese de doutorado, sob a orientação de Izete Coelho, de uma das autoras deste capítulo, Vieira-Pinto. Esses resultados também já vêm sendo discutidos pela autora em outros trabalhos de correlação com a ordem e o preenchimento do sujeito (COELHO et al, 2017; COELHO, VIEIRA-PINTO, 2018; COELHO et al., 2021).

Com o objetivo de compreender o percurso de mudança traçado pelo objeto direto anafórico nos séculos XIX e XX, coletamos os dados considerando duas variantes relacionadas a nossa variável dependente: o objeto nulo (7) e o pronome clítico (8).

(7) Antes da carta que me mandastes pelo João [*inint.*] já eu te tinha escripto uma na qual juntei tambem uma para teu irmão Norberto. Foi pelo correio, mas não ti resposta *d'ella*, pelo que julgo que não recebeste Ø. (Guilherme Sousa, Desterro, 24/04/1893)

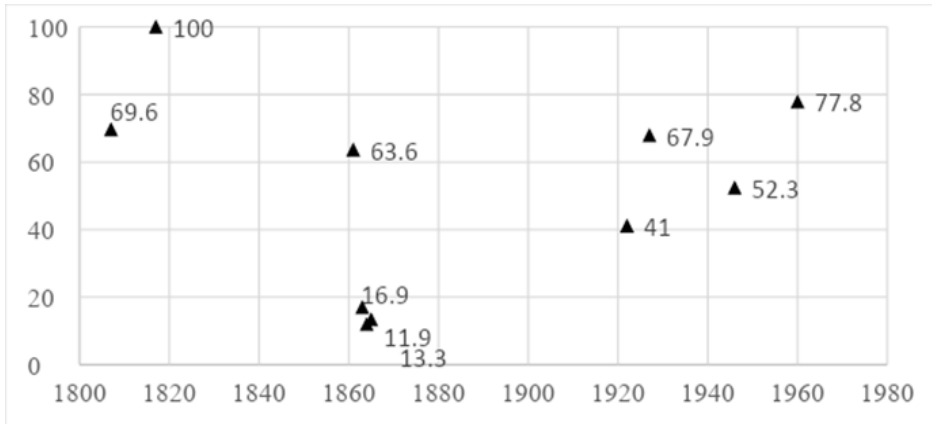
(8) Os filhos *de Suely* abandonaram-**na**, negaram-se a ajudá-**la** com *o restaurant* e ela foi obrigada a fechá-**lo**. (Harry Laus, Floripa, 20/02/1989)

Nossa hipótese é a de que atestaremos altas frequências de pronome clítico nas cartas de missivistas nascidos no século XIX e que veremos a evolução do objeto nulo no século XX.

Nossos dados foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb X e, baseando-nos em estudos anteriores que analisaram o objeto nulo, levamos em conta, além da variável ‘escrevente’, dois grupos de fatores semânticos e dois sintáticos: (i) traço de animacidade do referente; (ii) especificidade do referente; (iii) estrutura paralela entre referente e anafórico; e (iv) transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo (DUARTE, 1986, 1989; CYRINO, 1994, 1997, 2016, 2018; MARAFONI, 2004; COSTA, 2011; VIEIRA-PINTO, 2015; CYRINO; LOPES, 2016; BERLINCK et al., 2016; MARQUES DE SOUSA, 2017; COELHO; VIEIRA-PINTO, 2018).

Foram coletados 362 dados de objeto direto anafórico na amostra selecionada, sendo 226 pronomes clíticos (62,4%) e 136 objetos nulos (37,6%). No Gráfico 10.1 a seguir, apresentamos os percentuais das variantes, conforme a data de nascimento dos missivistas:

Gráfico 10.1 – Frequências de objeto nulo na escrita de Santa Catarina, dos séculos XIX e XX, conforme a data de nascimento dos missivistas.



Vemos que uma grande quantidade de pronomes clíticos se concentra na escrita dos missivistas nascidos na segunda metade do século XIX, considerando os baixos percentuais de objeto nulo, conforme esperávamos: os escritores-poetas Virgílio Várzea (1863), Oscar Rosas (1864) e Araújo Figueredo (1865) apresentam, respectivamente, 16,9%, 11,9% e 13,3% de objeto nulo.

Após o início do século XX, os índices de pronome clítico vão baixando, abrindo espaço para maiores ocorrências de objeto nulo, corroborando os resultados de diferentes análises diacrônicas já realizadas sobre o fenômeno no PB (cf. CYRINO, 1997, 2018; COSTA, 2011; MARQUES DE SOUSA, 2017, entre outros). O missivista Harry Laus (nascido em 1922) possui em sua escrita uma quantidade mais significativa de objetos nulos, quando comparada à sincronia anterior, apesar de esta ainda não ser sua variante preferida (o escritor apresenta 41% de objeto nulo). Talvez isso ocorra pois, diferente dos demais missivistas do século XX, Harry Laus é um intelectual catarinense mais conservador, que escreve para sua tradutora francesa sobre assuntos de amizade, mas também profissionais. Já os missivistas Arduíno Salami (1927), as meninas do Vale (1940) e Medeiros (1960) apresentam altos percentuais de objeto nulo (respectivamente 67,9%, 52,3% e 77,8%), atestando a preferência por esta variante pelos missivistas do século XX.

Merecem atenção as ocorrências registradas para os três primeiros escreventes do século XIX. Sobre as cartas de Carolina (1817?), o percentual de objeto nulo foi categórico: foram coletados apenas dois dados da missivista e os dois eram de objeto nulo. Quanto a Cruz e Sousa, apesar de termos coletado apenas 11 dados em sua amostra, nos surpreendeu que sete deles (63,6%) fossem nulos, considerando que o poeta nasceu em 1861 e que, embora tenha nascido em uma família de pais escravizados, teve a oportunidade de desfrutar dos estudos desde criança. Talvez esses resultados possam ser explicados pela proximidade comunicativa que Cruz e Sousa tinha com seus destinatários, que são, em sua maioria, mais íntimos ao poeta. Em relação às cartas de Guilherme Sousa, o percentual de objeto nulo também se destaca (69,6%), principalmente se considerarmos que esse missivista nasceu no início do século XIX, em 1807. Porém, essa amostra tem certas particularidades que detalharemos um pouco mais a seguir.

Na rodada estatística binomial, as variáveis selecionadas pelo programa Goldvarb X como sendo as condicionadoras do objeto nulo foram a ‘animacidade do referente’ e o ‘escrevente’. Trazemos os resultados a seguir, em uma única tabela:

Tabela 10.10 – Frequência e peso relativo de objeto nulo na escrita de Santa Catarina dos séculos XIX e XX, segundo as variáveis ‘animacidade do referente’ e ‘escrevente’

Variáveis independentes	Apl/Total	%	PR
Animacidade do referente			
[-animado]	126/275	45,8%	0,60
[+animado]	10/87	11,5%	0,21
Escrevente			
Guilherme Sousa (1807)	16/23	69,6%	0,83
Carolina Conceição (1807?)	2/2	100%	--
Cruz e Sousa (1861)	7/11	63,6%	0,83
Virgílio Várzea (1863)	12/71	16,9%	0,32
Oscar Rosas (1864)	5/42	11,9%	0,20
Araújo Figueredo (1865)	6/45	13,3%	0,23
Harry Laus (1922)	32/78	41%	0,57
Arduíno Salami (1927)	19/28	67,9%	0,77
Do Vale (1940)	23/44	52,3%	0,62
Medeiros (1960)	14/18	77,8%	0,84
Total	136/362	37,6%	--
Rodada significativa	Input 0.321 Loglikelihood = -187.047 Significance = 0.000		

Conforme nossa expectativa e corroborando resultados de outros estudos (cf. DUARTE, 1986, 1989; CYRINO, 1994, 1997; COSTA, 2011; VIEIRA-PINTO,

2015, entre outros), os referentes com traço [- animado] condicionam o objeto nulo, com 0,60 de peso relativo (cf. exemplo (9), a seguir). Apenas 10 dos 87 dados com referente [+animado] eram nulos (0,21 de PR), o que mostra o grande desfavorecimento desse traço do referente para a ocorrência dessa variante. No exemplo (10), apresentamos o referente [+animado] sendo retomado por pronomes clíticos.

(9) Quando *a Semana Santa* aqui esteve esplendida, muito sentimos aqui não estares para [*inint.*] apreciares Ø. (Carolina Conceição, Desterro, 19/04/1891)

(10) Recebi tua carta sobre *o Araujo* com muito gosto; já *o* estimava muito. Em materia typographica ninguem como eu tão bons para empregal-*o*. Será hospedado no meu palacio. (Oscar Rosas, Rio de Janeiro, 18/01/1890)

Sobre a variável ‘escrevente’, os pesos relativos reforçam o que apontamos no Gráfico 10.1. Excetuando-se as cartas de Cruz e Sousa, que precisam ser melhor investigadas, as amostras da segunda metade do século XIX desfavorecem fortemente o objeto nulo, apresentando 0,32 de peso relativo para Virgílio Várzea (1863), 0,20 para Oscar Rosas (1864) e 0,23 para Araújo Figueredo (1865). É, portanto, característico nessa época o uso frequente de pronome clítico, influenciado pelo PE, na função de objeto direto anafórico, como os exemplos que seguem.

(11) O portador desta é *o nosso bom e querido Bittencourt* que vae sortir- se ahi de calçado. Não *o* largues através desse immenso e ruidoso Rio de Janeiro. (Virgílio Várzea¹¹³, Ondina, 03/11/1888)

(12) Vão fazendo companhia a esta *dous sonetos meos*, que não *os* quero publicar sem que primeiro tu *os* aprecie; se é que n’elles ha alguma cousa digna disso. (Oscar Rosas, Rio de Janeiro, 30/11/1883)

(13) Quanto á *advogacia* o Tiburcio poderá inicial-*a* com algumas vantagens, mas [*inint.*] mais tarde, questão de meres e de pratica. (Araújo Figueredo, Laguna, 17/12/1897)

Conforme se aproximam as sincronias mais recentes, do século XX, vemos que o objeto nulo vai ganhando força: a categoria vazia tem 0,57 de peso relativo nas cartas de Harry Laus (nascido em 1922); 0,77 na escrita de Arduíno Salami (1927); 0,62 na amostra do Vale (cujas missivistas nasceram por volta de 1940); e 0,84 nas cartas de Medeiros (1960); como trazemos nos exemplos a seguir.

¹¹³ Virgílio Várzea jamais aceitou o nome da cidade “Desterro”, achava ignorante e eivado de brutalidade (cf. ALVES, H. L., 1956). Fez uma campanha para que o nome da capital fosse mudado para Ondina (que, na mitologia, quer dizer uma espécie de sereia, figura da imaginação poética) e registrava esse nome em suas cartas.

(14) Caixa d'ação foi escrito a pedido, para **uma antologia chamada Este Mar Catarina** que eu pensei que tu tivesses porque, faz tempo, pedi ao Salim que te mandasse Ø. Aliás, quando eu for te levarei Ø porque assim verás se há algo que te interesse para a tal antologia. (Harry Laus, Floripa, 15/04/1988)

(15) Pensei o seguinte: se julgarem necessário, me enviem **umas notas promissórias**, que eu assinaria Ø. Depois de Padre pagaria 100,00 por mes, até saldar a dívida. (Arduíno Salami, Florianópolis, 29/04/1975)

(16) Desculpa me por não ter escrito antes a você por falta de ter esquecido **a sua caixa postal** na casa que aparava antes E não avia tempo para buscar Ø (Amostra do Vale, Blumenau, 14/03/1965)

(17) Gostei muito da tua carta, principalmente **da letra da música**, vou inscrever Ø no festival do nosso Amor. (Medeiros, Florianópolis, 10/01/1981)

Nossos resultados a partir da segunda metade do século XIX atestam nossas expectativas e corroboram estudos anteriores que já analisaram o objeto direto anafórico na diacronia em diferentes lugares do Brasil (cf. CYRINO, 1997, 2018; COSTA, 2011; SOLEDADE, 2011; MARQUES DE SOUSA, 2017; COELHO et al., a sair).

Quanto aos índices do início do século XIX, Guilherme Sousa, nascido em 1807, se mostra grande condicionador do objeto nulo (com 0,83 de peso relativo), conforme o exemplo:

(18) Com esta são duas cartas que te escrevo, sendo portador **de uma** o filho do Commandante Souza, que me disse ter entregado Ø ao Sr Varzea, sem que no entanto tivesse resposta alguma. (Guilherme Sousa, Desterro, 15/08/1894)

Esses resultados parecem ser reveladores se pensarmos que quem assina tais missivas é um indivíduo pouco ou nada alfabetizado, que foi escravizado na maior parte de sua vida. Segundo Alves U. F. (2008), os pais de Cruz e Sousa, Guilherme e Carolina, recebiam ajuda de um amigo para escrever as cartas enviadas e para ler as recebidas. Acreditamos que essa ajuda nem sempre vinha da mesma pessoa (considerando características que aparecem em algumas cartas, mas não em outras) e que os escribas fossem também pouco escolarizados, pois são vistas certas particularidades, como uma letra mais disforme, texto com períodos truncados, variações frequentes de concordância nominal e verbal etc., como no exemplo:

(19) Meu querido filho em logar Estimo que esta mal transada Linha lhe vão encontrar no goizo de uma Perfeita saude e touda familia Agora eu Estou rezolvido afazer mi mandaste dizer não Posso siguir Porque não não sei o que hei de fazer desta Porção de livro que esta nesta escrevania si Poder não Posso de zivover

minha [*inint.*] Para fazer minha viagem no caso que vai ter que vender Por não Posso levar. (Guilherme Sousa, Santa Catharina, 01/09/1895)

Conforme Corrêa (1991), a ocorrência de clíticos acusativos de terceira pessoa no PB atual é muito baixa e essa manutenção se deve à atuação normativa da escola. Talvez essa amostra de cartas nos revele que, desde o início do século XIX, isso já acontecia. Esse fato nos remete ao trabalho de Pagotto (1992b; 1998) sobre a construção da norma linguística de referência brasileira, que foi artificial desde a sua origem, no decorrer do século XIX. O autor compara os textos da constituição do Império (de 1824) e da primeira constituição da República (de 1892) e, ao contrário do esperado, atesta que o primeiro texto é mais inovador e mais parecido com a língua falada no Brasil na época. Já o segundo apresenta uma gramática diretamente oposta, mais próxima do português europeu escrito. A inovação na escrita vista no primeiro texto analisado pelo autor foi refreada por atitudes da elite brasileira que defendia a implementação de políticas de “embranquecimento do país”, rejeitando variedades diferentes da europeia (cf. PAGOTTO, 1998; FARACO, 2001, 2011).

Isso quer dizer que, provavelmente, as mudanças linguísticas atestadas na escrita do PB do final do século XIX e início do XX já aconteciam na língua falada muito anteriormente (cf. TARALLO, 1993). A amostra de cartas dos pais de Cruz e Sousa parece refletir uma língua mais próxima da oralidade e talvez ateste que o objeto nulo já ocorria com frequência na fala do início do século XIX. Na escrita da segunda metade do século XIX, porém, o pronome clítico prevalece e certamente isso se deve à influência da pressão da norma linguística padrão europeia.

3.2 Os pronomes clíticos

Procedemos a uma investigação da sintaxe de colocação e posição dos pronomes pessoais clíticos em dois ambientes sintáticos no mesmo conjunto de cartas pessoais catarinenses utilizadas para o estudo do objeto nulo, a partir do ano de nascimento dos escreventes. Foram dois os ambientes sintáticos investigados: **(A) orações finitas matrizes em contextos neutros ([XP])[XP]V**, em que os constituintes pré-verbais são sujeitos ou sintagmas preposicionais não focalizados, como em (20) e (21) a seguir, ou advérbios e orações subordinadas, como em (22) e (23); e **(B) orações com predicados complexos**, como em (24). Focalizamos esses dois ambientes porque apresentam variação diacrônica que tem permitido identificar diferentes gramáticas do português no curso dos séculos (LOBO 1992; PAGOTTO 1992; CARNEIRO 2005; MARTINS 2009, 2018).

(20) a. **Celeste me disse**: “ela sempre se lembra de mim”, quando lhe disse que mandaste beijos. (Harry Laus, Florianópolis, 28 de fevereiro de 1989)

b. **Bouthémy falou-me** nisto, mas não estou muito certo. (Harry Laus, Floripa, 6 de março de 1988)

(21) a. **Cada vez me sinto** feliz, mais feliz, em seguir minha bela e sublime vocação. (Arduíno Salami, Rondinha, 4/1/74)

b. Parece mentira, mas neste mundo tudo passa, tudo chega tão depressa... **Cada dia sinto-me** mais feliz e contente, espero com a graça de Deus, corresponder plenamente a esse Deus três vezes Santo. (Salami, Florianópolis, dia 7 de outubro de 1975)

(22) a. **Se eu for te dou** um toque. (Medeiros, Florianópolis, 08/02/81)

b. **Se lhe entregares pessoalmente a carta, dálhe** um abraço. (Virgílio Várzea, Rio, 21 de janeiro de 1931)

(23) a. **Também me disse** que vai te escrever ou telefonar para combinarem melhor as coisas, diretamente. (Harry Laus, Floripa, 15 de abril de 1988)

b. **Também apresentei-o** a um belga que faz cinema e pretende fazer um curta-metragem de “ Sem Resposta ”, em duas edições, em português e francês. (Harry Laus, Florianópolis, 19 de dezembro de 1990)

(24) a. Marcellina quando são horas do almoço e jantar sempre **vai chamar-te**. (Carolina, Desterro, 25 de janeiro de 1891)

b. E **vai me dar** o telefone do escritor. (Harry Laus, Florianópolis, 22 de novembro de 1987)

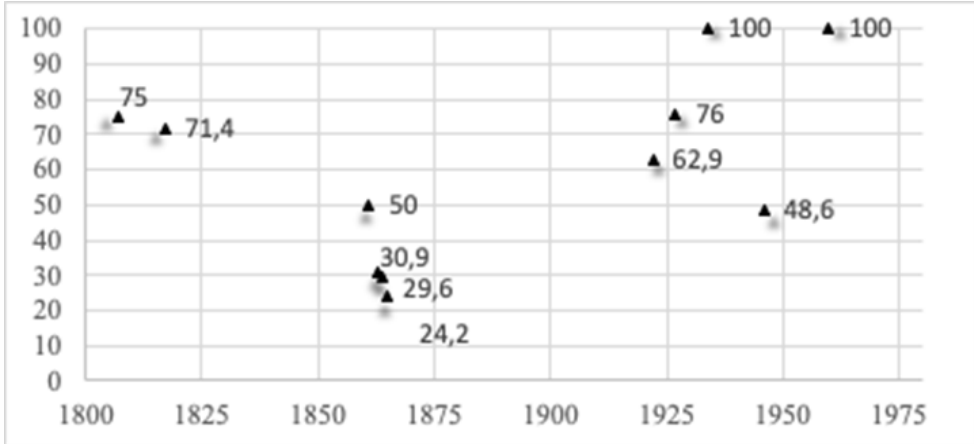
c. Bem, acho que você não **vai negar-me**. (do Vale, Angelina, 3 de novembro de 1966)

d. Iniciando esta missiva, quero que a mesma **vá-lhe encontrar** gozando de ótima saúde e muitas felicidades. (do Vale, Guabiruba, 10 de julho de 1.968)

Em relação ao ambiente de variação em (A), procedemos a uma análise multivariada com os programas do pacote estatístico GoldvarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2020) a partir de 296 dados. A variável dependente foi a posição do pronome clítico, com a próclise como aplicação da regra, e os seguintes contextos foram observados: (i) posição superficial do verbo em segunda [XP]V ou terceira posição [XP][XP]V; (ii) natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo em ([XP])[XP]V; (iii) natureza do constituinte que antecede o verbo em [XP][XP]V; (iv) ordem e realização do sujeito; (v) natureza do sujeito expresso – pronominal, DP, oracional; (vi) forma do clítico; e (vii) escrevente.

Em termos percentuais, a evolução da próclise nas cartas catarinenses por data de nascimento dos escreventes está expressa no Gráfico 10.2 a seguir:

Gráfico 10.2 – Evolução da próclise em ambientes ([XP])[XP]V em cartas pessoais catarinenses.



Há elevadas taxas de próclise nas cartas dos dois escreventes que nasceram no início do século XIX, Guilherme Sousa (75%), nascido em 1807, e Carolina Eva da Conceição (71,4%), nascida, muito provavelmente, na primeira quinzena do século XIX, pais do ilustre poeta catarinense Cruz e Sousa. A taxa de próclise cai nas cartas dos quatro escreventes nascidos na segunda metade desse século, os poetas Cruz e Sousa (50%), nascido em 1861, Virgílio Várzea (34%), nascido em 1863, Oscar Rosas (29,6%), nascido em 1864, e Araújo Figueredo (25%), nascido em 1865; as taxas voltam a subir nas cartas dos escreventes nascidos no século XX: o poeta Harry Laus (62,9%), nascido em 1922, Arduíno Salami (76%), nascido em 1927, amostra do Vale com cartas escritas por 15 jovens mulheres nascidas em Florianópolis e na região do Vale do Itajaí (48,6%), e atinge 100% nas cartas da Tia Ciça, nascida em 1934, e de Medeiros, nascido muito provavelmente na década de 1960.

Para a análise multivariada binomial, foram excluídos os dados das cartas da Tia Ciça e de Medeiros, pois a próclise foi categórica, o que resultou uma amostra de 240 dados. Na melhor rodada estatística com *Log likelihood de -135.926* e *Significance de 0.000*, as seguintes variáveis foram selecionadas como relevantes no condicionamento da próclise, nesta ordem de relevância: (i) natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo em ([XP])[XP]V e (ii) escrevente.

A variável linguística selecionada confirma resultados anteriores (MARTINS, 2018) a partir de uma amostra de textos da imprensa brasileira: advérbios

condicionam a próclise (com peso relativo de 0,77), em oposição a sujeitos (0,46), sintagmas preposicionais (0,41) e orações subordinadas (0,17), como mostram os dados na tabela 10.11:

Tabela 10.11 – Próclise em ambiente neutro, por natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo em ([XP])[XP]V

	Apl./Total – %	PR.
Advérbios	53/68 – 77,8%	0,77
Sujeitos	80/145 – 55,2%	0,46
Sintagmas Preposicionais	22/56 – 39,3%	0,41
Orações subordinadas	6/27 – 22,2%	0,17
TOTAL	161/296 – 54,4%	

Em relação à segunda variável selecionada, os resultados confirmam que o escrevente é um condicionador da próclise, ratificando o quadro, em percentuais, apresentado no Gráfico 10.2 acima. Para apresentarmos um panorama mais refinado da escrita do século XIX, fizemos uma nova rodada multivariada considerando apenas os escreventes nascidos entre 1800 e 1899 e a variável ‘escrevente’ foi selecionada como condicionadora da próclise. Os resultados estão na Tabela 10.12 abaixo.

Tabela 10.12 – Próclise em ambiente neutro, por escrevente do século XIX

	Apl./Total – %	PR.
Carolina Eva da Conceição (1817 ?)	5/7 – 71,4%	0,88
Guilherme Sousa (nascido em 1807)	9/12 – 75%	0,72
Cruz e Sousa (nascido em 1861)	10/20 – 50%	0,66
Oscar Rosas (nascido em 1864)	8/27 – 29,6%	0,44
Virgílio Várzea (nascido em 1863)	17/55 – 30,9%	0,41
Araújo Figueiredo (nascido em 1865)	8/33 – 24,2%	0,38
TOTAL	116/251 – 41,97%	

O quadro encontrado mostra que condiciona a próclise em ambientes neutros ([XP])[XP]V a escrevente Carolina Eva da Conceição (com peso relativo de 0,88), mãe de Cruz e Sousa, nascida muito provavelmente no início da primeira metade do século XIX, em oposição a todos os demais; Guilherme Sousa (com peso relativo de 0,72), pai de Cruz e Sousa, nascido em 1807, e Cruz e Sousa (com peso relativo de 0,66), nascido em 1861, também condicionam a próclise em oposição aos demais três autores nascidos na segunda metade do século XIX, Oscar Rosas (peso relativo de 0,44), Virgílio Várzea (com peso relativo de 0,41) e Araújo Figueiredo (com peso relativo de 0,38).

A próclise no ambiente ([XP])[XP]V encontrada nos textos dos autores nascidos no início do século XIX apresenta uma sintaxe particular com o fronteamento de constituintes diversos, com posposição do sujeito em construções transitivas, como em (25) e (26).

(25) e **assim me disse** o Agostinho Carroceiro, então pesso-te que informes-te delle porque nunca mais mais me escreveu nada mais tenho a Dizer Aceite um saudoso abraço e abençoção deste teu Velho Pai que aqui fica esperando tua resposta Guilherme de Souza P.S. (Guilherme, Desterro 23 de Outubro de 1892)

(26) **Tambem te mandão** lembranças a familia do finado Snr. (Guilherme, Desterro, 24 de Abril de 1893)

Diferente é a sintaxe dos autores nascidos na segunda metade do século XIX e do século XX, cuja posição pré-verbal tende a ser preenchida pelo sujeito gramatical, como em (27) e (28), a seguir, mesmo que um outro constituinte apareça também antes do verbo, como em (29) e (30).

(27) Sempre senti uma certa simpatia, mas **essa amizade se transformou** em amor. (do Vale, Joinville, 17 de fevereiro de 1965)

(28) São os primeiros que faço neste mundo de homens idiotas, lêsmas, sem espelho psychologico ... **Tu me entendes**. (Araújo Figueredo, Desterro, 14 de julho, 88)

(29) Espero com a graça de Deus realizar muito bem na Igreja de Deus, pois **para isso a gente se** fêz sacerdote. (Salami, Florianópolis, 24/3/76)

(30) **REALMENTE VOCÊ ME DA** FORÇAS PARA FAZER TUDO. (Medeiros, LAGES, 16-06-81)

É importante destacar, ainda, que os escreventes nascidos no século XX, Harry Laus, Arduíno Salami e do Vale, apresentam um aumento nas taxas de próclise, com categoricidade nos textos de Tia Ciça e na amostra Medeiros.

As diferenças entre a escrita de missivistas nascidos nos séculos XIX e XX parecem ser confirmadas com a análise dos dados no ambiente sintático **(B) orações com predicados complexos** nas cartas. Não procedemos a uma análise de regra variável com o controle de fatores relevantes como a natureza do verbo auxiliar e principal (como apresenta MARTINS, 2018, por exemplo), mas observamos a evolução das construções com subida de clíticos (31), por instanciarem as gramáticas do PCl e do PE (ANDRADE, 2010), e com próclise ao verbo temático (32), por instanciarem a gramática do PB (PAGOTTO, 1992; LOBO, 1992; CARNEIRO, 2005; MARTINS 2009, 2018; ANDRADE, 2010; CARNEIRO, 2014).

(31) Não me escreva para Tubarão sem eu **te mandar dizer**. (Araújo Figueredo, Desterro, 21 de dezembro, 92)

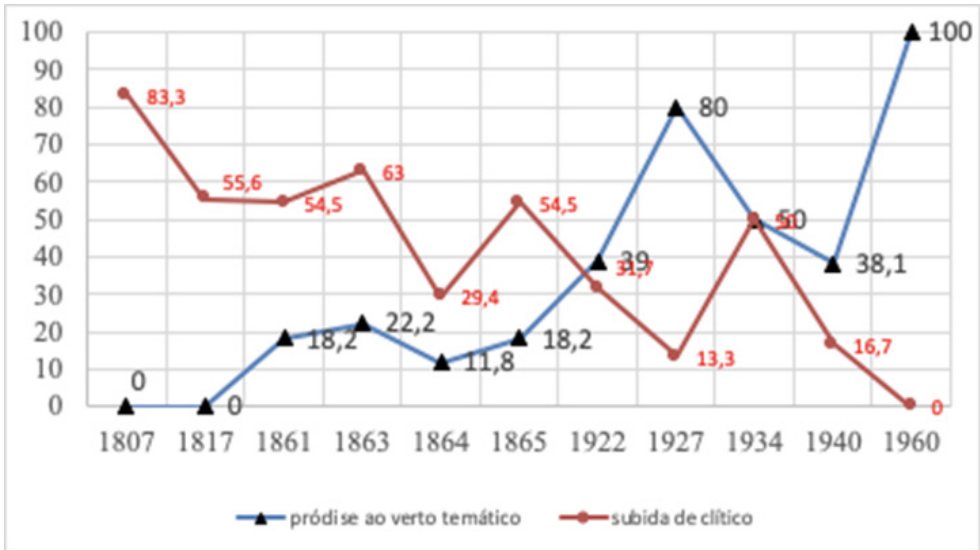
(32) **Estou te imaginado** e sinto grande ____ por ti. (Medeiros, Lages, 1980)

Foram analisados 235 dados com predicados complexos e as diferentes possibilidades de colocação do pronome clítico nos textos dos autores. Os resultados dos dois padrões relevantes acima descritos por escrevente estão dispostos na Tabela 10.13 e no Gráfico 10.3 abaixo.

Tabela 10.13 – Subida de clíticos e próclise ao verbo temático-V2 em orações com predicados complexos em cartas particulares catarinenses

	Apl./Total – %	
	Subida de clíticos (clVV / V-cl V)	Próclise ao V2 (V cl-V)
Guilherme Sousa (nascido em 1807)	10/12 – 83,3%	0/12 – 0%
Carolina Eva da Conceição (1817 ?)	5/9 – 55,6%	0/9 – 0%
Cruz e Sousa (nascido em 1961)	6/11 – 54,5%	2/11 – 18,2%
Virgílio Várzea (nascido em 1863)	17/27 – 63%	6/27 – 22,2%
Oscar Rosas (nascido em 1864)	5/17 – 29,4%	2/17 – 11,8%
Araújo Figueredo (nascido em 1865)	12/22 – 54,5%	4/22 – 18,2%
Harry Laus (nascido em 1922)	13/41 – 31,7%	16/41 – 39%
Arduíno Salami (nascido em 1927)	2/15 – 13,3%	12/15 – 80%
Tia Ciça (nascida em 1934)	3/6 – 50%	3/6 – 50%
Vale (1940 ?)	7/42 – 16,7%	16/42 – 38,1%
Medeiros (1960)	0/33 – 0%	33/33 – 100%
TOTAL	63/201 – 31,34%	94/235 – 44,8%

Gráfico 10.3 – Subida de clíticos e próclise ao verbo temático-V2 em orações com predicados complexos em cartas pessoais catarinenses.



Fica evidente: (i) uma acentuada queda na taxa de construções com subida de clíticos que saem de 83,3% e 55,6% nas cartas de Guilherme e Carolina, da primeira década do século XIX, e chegam a 16,7% e 0% nas cartas das amostras do Vale e Medeiros, cujos escreventes têm suas datas de nascimento nas décadas de 1940 e de 1960. Numa direção contrária, (ii) um aumento na taxa de próclise ao verbo temático, característica inequívoca do PB, que sai de 0% nos textos assinados pelos pais do poeta Cruz e Sousa, nascidos no início do século XIX, e chega a 100% nas cartas da amostra Medeiros, escrevente nascido na segunda metade do século XX. Esses resultados gerais se referem à totalidade dos dados sem considerar as especificidades dos tipos de construções e a natureza do verbo não finito (VI) que condicionam a colocação do clítico nos predicados complexos (CARNEIRO, 2005; REIS, 2011; MARTINS, 2009, 2018).

Esse quadro abre uma discussão interessante sobre a natureza da próclise no ambiente ([XP])[XP]V encontrada nessas cartas de escreventes nascidos no século XIX, no sentido de por que gramática do português elas são geradas. Muito descrito na literatura é o fato de que a próclise nesse ambiente neutro estabelece uma fronteira de mudança entre o Português Clássico (PCI), que é proclítico, e o Português Europeu (PE), que muda para um padrão enclítico, e o Português Brasileiro (PB), que mantém um padrão proclítico, mas que superficializa diferentes construções daquelas encontradas no PCI. Em textos anteriores, um dos autores deste capítulo (MARTINS, 2018; a sair) tem defendido que, na escrita

brasileira da primeira metade do século XIX, as próclises nesse ambiente neutro são instanciadas pela gramática do PCl. Os resultados encontrados nas cartas pessoais catarinenses, apesar dos poucos dados, parecem validar essa hipótese quando opõem os escreventes nascidos no início do século XIX, Guilherme e Carolina (e, de certo modo, quando confrontados com os demais nascidos na segunda metade do século, como Cruz e Sousa) aos nascidos na segunda metade desse século, Oscar Rosas e Virgílio Várzea, Araújo Figueredo.

São 5 cartas atribuídas à escrevente Carolina, que fora escravizada assim como seus pais, nascida em Desterro e exercera a profissão de cozinheira e lavadeira. São 19 cartas atribuídas ao escrevente Guilherme, que fora também escravizado como seus pais e exercera a profissão de pedreiro.

(33) o Compadre Custodio **manda-te perguntar** se não recebestes uma carta d'elle d'onde dava-te os sentimentos da morte de tua mãe e minha clara esposa julga não teres recebido por não ter tido resposta. (Guilherme Santa Catharina 28 do 1º 92)

(34) a. Recebemos ambas as cartas que nos envias-te e que como 0 deves presumir nos causou muito prazer; prazer este que mais se assentuará quando soubermos que 0 estás empregado. (Carolina, Desterro, 25 de janeiro de 1891)

b. Soube pelo Luiz d'Araujo que 0 moravas com o Juvencio, o que para ti é muito agradável ou se melhor diga, para ambos e muito agradável. (Carolina, Desterro, 25 de janeiro de 1891)

(35) a. Assim que eu tiver noticias d'elle, eu **t as mandarei**. (Guilherme, Desterro, 27 de março 1892)

b. Estimo que estas breves linha **lha** vão achar de saude e toda familia, assim como para mim desejo. (Guilherme, Florianópolis, 27 de abril, 95)

A análise aqui posta, entretanto, apresenta evidências robustas de que essas cartas não foram escritas por eles. Mas tal fato não descarta que encontramos nelas traços de uma gramática arcaica ou do PE, diferentes daqueles esperados para o PB, com alçamento de clíticos sem atratores (33), com majoritariamente sujeitos nulos (34) e com contração de clíticos (35).

4. BREVES CONSIDERAÇÕES DE CONCLUSÃO DESTE TEXTO

Os resultados apresentados neste trabalho atestam a estreita relação que há entre os fenômenos do objeto nulo e da sintaxe dos clíticos na mudança que deu origem à gramática do PB.

Quanto à variação do objeto direto anafórico, vimos a grande ocorrência de objeto nulo nos dados de fala de Florianópolis, enquanto o pronome clítico é quase extinto. As amostras de escrita dos séculos XIX e XX (tanto de peças teatrais quanto de cartas pessoais), no geral, apontam para um uso maior de pronome clítico no século XIX e mostram o objeto nulo ganhando força no decorrer do século XX. Porém, quando se trata das cartas de Guilherme e Carolina, pais de Cruz e Sousa, cuja escrita parece refletir uma língua mais próxima da oralidade, vemos que o objeto nulo já ocorria com grande frequência desde o início do século XIX, mas que talvez essa variante não costumasse aparecer nos textos escritos de diferentes gêneros por conta da forte pressão da norma linguística baseada no PE, vigente desde então.

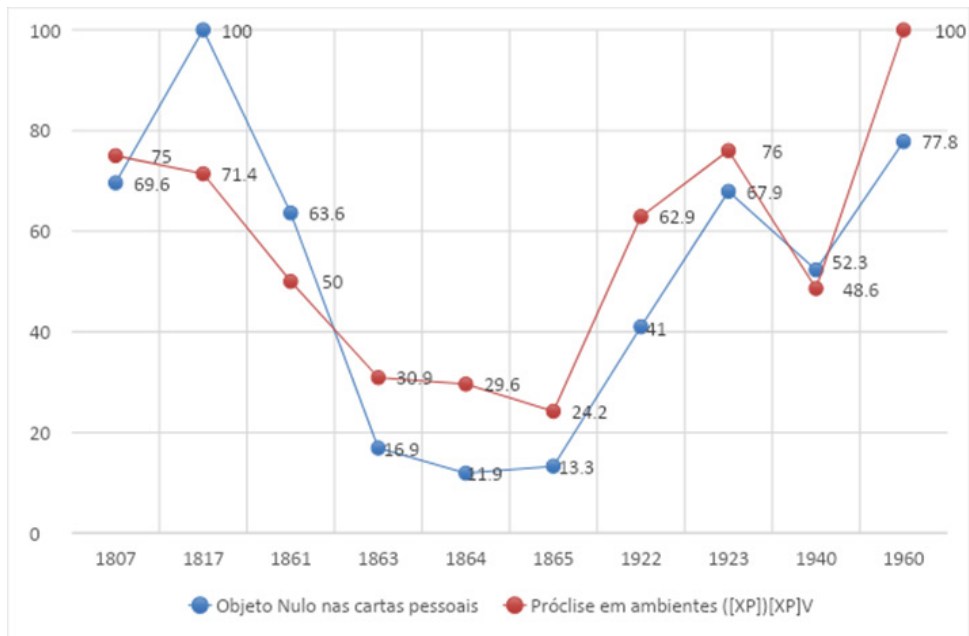
Ainda sobre a variação do objeto direto, a variável linguística ‘animacidade’ se mostrou muito importante, tanto nos dados de fala, quanto nos dados de escrita das peças teatrais e das cartas pessoais. O objeto nulo é fortemente condicionado pelo referente com traço [-animado], conforme outros estudos já haviam atestado.

Em se tratando das peças teatrais, os resultados mostraram que o século XX trouxe consigo um aumento considerável (de 17% para 62%) na frequência de objetos nulos em relação ao século XIX. A probabilidade maior (PR 0,77) de ocorrência de objeto nulo em relação ao século anterior (PR 0,33) também serviu para confirmar nossa hipótese de que, com a chegada do século XX, “chegaram” também mais objetos nulos ao PB. Observamos um aumento de mais de 50% nos percentuais de elipse de objeto nos dados do século XX em relação aos do século XIX, considerando-se os grupos de fatores ‘animacidade do referente’, ‘estatuto do referente (oracional ou não-oracional)’ e ‘pessoa do discurso’.

Não podemos também deixar de destacar que, à medida que se observou uma elevação no percentual de objetos nulos, houve queda na frequência de clíticos (de 65% para 30%) do século XIX para o século XX, o que atesta a hipótese de Raposo (2004), para quem, no PB, o objeto nulo resulta da elipse de um clítico ou de um pronome pleno.

Em relação à sintaxe dos clíticos nas cartas pessoais, a fim de comparação, trazemos no Gráfico 10.4 a seguir os percentuais de ocorrência de objeto nulo e de próclise em contexto neutro, provenientes da escrita de cartas pessoais de Santa Catarina nos séculos XIX e XX, conforme a data de nascimento dos missivistas.

Gráfico 10.4 – Percentuais de objeto nulo e próclise em ambientes ([XP])[XP]V nas cartas pessoais de Santa Catarina



Os resultados dos dados provenientes das cartas pessoais apontam para uma proximidade entre os objetos nulos e a posição dos clíticos em contextos neutros e colaboram com a hipótese de que a primeira metade apresenta um comportamento diferente da segunda metade do século XIX. Nossa explicação é que o que está em jogo aqui não é o reflexo do PCI (ou mesmo a origem do PB, se ao PCI ou se ao PE), mas fica evidente que o século XIX não pode ser tratado e analisado como apenas uma sincronia, pois a primeira e a segunda metade refletem, definitivamente, diferentes quadros.

Muito embora sejam poucos os dados coletados nas cartas para ambos os fenômenos, os resultados mostram que (1) o objeto nulo já estava na escrita dos escreventes da primeira metade do século XIX (seja quem quer que tenha escrito as cartas assinadas pelos missivistas Carolina e Guilherme, pais de Cruz e Sousa); (2) nas cartas desse mesmo período, os clíticos em contextos neutros também parecem ser aqueles instanciados pelo PB; e (3) na escrita dos catarinenses nascidos na segunda metade do século XIX, provavelmente, porque são cartas de escritores-poetas-literatos, há a pressão da norma padrão lusitana, com frequente uso de objeto direto realizado pelo clítico acusativo de terceira pessoa e ênclise em contextos neutros.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. L. de. *A subida de clíticos em português: um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX*. 2010. 344 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- ANDRADE, A. L. de; CARNEIRO, Z. de O. N. *A posição e a colocação de clíticos em predicados complexos: o português brasileiro visto a partir de duas vertentes*. Filologia linguística portuguesa. São Paulo, v. 16, n esp. 2014, pp. 125-161.
- ALVES, H. L. *Cruz e Sousa: o dante negro*. São Paulo: Associação cultural do negro, 1956.
- ALVES, U. F. *Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- ARRUDA, N. C. *A realização do objeto direto anafórico em línguas românicas: um estudo sincrônico no português e no espanhol*. 2012. 165f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara, 2012.
- BERLINCK, R. de A.; COELHO, I. L.; CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L.; MARTINS, M. A. Mudança sintática e a história do português brasileiro nos séculos XIX e XX. In: DE SÁ JÚNIOR, L. A.; MARTINS, M. A. (org.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. 1ed. São Paulo: Blucher. v. 1, p. 155-188, 2016.
- CARNEIRO, Z. de O. N. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico*. 2005. 2360 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. de O. e S.; VIEIRA PINTO, C. A.; ZIBETTI, E. M. de O.; GOUVEIA, H.. Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina. In: COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. de O. e S.; MARTINS, M. A. GÖRSKI, E. M. *Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX E XX*, a sair.
- COELHO, I. L.; VIEIRA-PINTO, C. A.; ZIBETTI, E. M. O. ; SILVA, G. M. e. Ordem SV, sujeito expresso e objeto nulo: a trajetória da mudança no português de Santa Catarina. *Actas do XVIII Congresso Internacional ALFAL - Projetos*. Bogotá: Universidade de Bogotá, 2017.

COELHO, I. L.; VIEIRA-PINTO, C. A. O encaixamento da mudança sintática em cartas pessoais de Santa Catarina: ordem do sujeito e objeto direto anafórico. *Revista Veredas*. v. 22, n. 2, p. 120-121, 2018.

COELHO, I. L.; CAVALCANTE, S. R. de O.; VIEIRA-PINTO, C. A.; MACHADO, A. L. do N. D.; CRUZ, A. B. C. M.; MAFRA, G. A trajetória da mudança na sintaxe do sujeito e do objeto direto em cartas pessoais catarinenses e cariocas. In: COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. de O. e S.; MARTINS, M. A. GÖRSKI, E. M. *Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX E XX*, a sair.

CORRÊA, V. *O objeto nulo no português do Brasil*. 1991. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas: Campinas. 1991.

COSTA, S. *O (não) preenchimento do objeto anafórico na língua portuguesa: análise diacrônica do PB e do PE dos séculos XIX e XX*. 2011. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. 217 f. Tese (Doutorado Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

CYRINO, S. M. L. Null objects in Romania Nova. In: KATO, M. A.; ORDOÑEZ, F. (eds.) *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford, OUP. p. 177-203, 2016.

CYRINO, S. M. L. O objeto nulo? In: M. A. Torres Morais and S. Cyrino. *História do português brasileiro: mudança sintática do português brasileiro – perspectiva gerativista*, vol. VI, p. 210-250, 2018.

CYRINO, S. M. L.; LOPES, R. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese. *The Linguistic Review*, 33 (4), p. 483-502, 2016.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. 1986. 73 f. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1986.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. In.: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas-SP: Pontes, 1989.

FARACO, C. A. A questão da língua: revisitando Alencar, Machado de Assis e Cercanias. In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, SP: UNICAMP, 2001.

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (orgs). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FREIRE, G. C. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. 2005. 204 f. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GALVES, C. Posfácio: o retrato da emergência de uma nova gramática. In: M. A. Torres Morais and S. Cyrino. *História do português brasileiro: mudança sintática do português brasileiro – perspectiva gerativista*, vol. VI, p. 44-456, 2018.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

LOBO, T. *A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto*. 1992. 170 f. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras. 1992

LUÍZE, T. B. *Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis*. 1997. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MARAFONI, R.. L. *A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração*. 2004. 112 f. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2004.

MARAFONI, R. *A distribuição do objeto nulo no português Europeu e no português brasileiro*. 2010. 158f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, M. A. A plataforma *PB-Corpus Histórico* e uma investigação da ordem de clíticos e de sujeitos em jornais brasileiros oitocentistas. *Letras (UFSM)*, a sair.

MARTINS, M. A. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (Orgs.)

Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista. São Paulo: Contexto, 2018, p. 150-209.

MARTINS, M. A. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. 326p. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MARQUES DE SOUSA, A. A. *As realizações do acusativo anafórico no português europeu e brasileiro: um estudo diacrônico*. 2017. 127 f. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2017.

OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. 1978. 139 f. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1978.

PAGOTTO, E. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. 1992. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas: Campinas. 1992.

PAGOTTO, E. G. *Nem a fala de todo mundo nem a língua de ninguém: um estudo das constituições brasileiras*, ms, 1992b.

PAGOTTO, E. G. Norma e condescendência; ciência e pureza. *In: Linguagens e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: Pontes, 1998.

PEREIRA, I. *O uso variado das formas anafóricas no acusativo*. 2011. 127f. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Língua Portuguesa e Literaturas) – Departamento de Língua e Literatura vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

REIS, F E. de B. *A perda da subida de clíticos no português brasileiro: séculos XIX e XX*. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2011.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S. A; SMITH, E. Goldvarb Z: A multivariate analysis application for Macintosh. 2018. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 4 de julho de 2020.

SOLEDADE, C. L. V. *A realização do objeto direto anafórico em peças de autores brasileiros dos séculos XIX e XX: dados empíricos para a observação da mudança no português brasileiro*. 2011. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

TARALLO, F. *Relativization strategies in brazilian portuguese*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. *In*: ROBERTS, I; KATO, M. A. (org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas-SP, Ed. da UNICAMP, 1993.

VIEIRA-PINTO, C. A. *Variação do objeto anafórico acusativo na fala de Florianópolis*. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

